

# REVISTA ADVENTISTA

«Até que todos cheguemos à unidade da Fé, ao conhecimento do Filho de Deus»  
Aos Efésios 4:13



Da Autenticidade das Sagradas Escrituras  
pelo Cardial Gousset



A Bíblia como Livro



Da Profecia em Geral  
pelo Cardial de La Luzerne



Que compreender por Inspiração?  
por Dr. L. Gausson



Será Aconselhável ler a Bíblia?  
por S. S. o Papa Bento XV



A Segunda Vinda de Cristo  
Pelo Cardeal Luis Billot



Haverá oposição entre a Fé e a Ciência?  
por Dr. H. Reush

etc. etc.

# Explicação oportuna...

No frontespício desta revista colocamos uma frase apostólica que desejamos adoptar para nosso lema, de hoje em diante. Não fugimos ao prazer de a completar:

«Até que todos cheguemos à unidade da Fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo, para que sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que, com astúcia, enganam fraudulentamente. Antes seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo naquêlê que é a cabeça: Cristo.» (S. Paulo, aos Efésios c. 4 v. 13-16).

Desejamos, com tôda a modéstia e amabilidade, contribuir na difusão das verdades fundamentais da Fé Cristã, para que os portugueses da última metade do século XX aproveitem da crença dos seus Maiores o que ela tenha de imperecível e limpem qualquer detrito depositado pelo tempo, nas pedras lapidares da Doutrina.

Em vez de gastar energias em degladiações — que são a antítese perfeita da religião de Jesus e que só servem para dar aos investigadores a falsa noção de que, dentro do Cristianismo, não deve haver muita verdade, porque os seus aparentemente mais entusiastas propagandistas só sabem desmentir-se — torna-se urgente, em absoluto, propagar as verdades fundamentais, sôbre que não há nem pode haver duas opiniões diversas, pois são elas justamente as Verdades Eternas e, por isso, as únicas salvadoras.

Já vai sendo tempo, para quem tenha responsabilidades directivas nos domínios da Religião, de pensar a sério naquêlê pedido tão insistente do nosso Mestre:

«Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a

vós que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.»

«E não rogo sômente por êstes mas também por aquêles que pela sua palavra hão de crer em mim; para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em mim e eu em Ti; que também êles sejam um em nós para que o mundo creia que Tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste para que sejam um, como nós somos um.» (S. João 13:34, 35; 17:20-23)

Mas esta unidade tem de ser alicerçada não em opiniões humanas, não em leis e decretos da autoridade civil, não em simples interêsses materiais, mas unicamente na Verdade. Tal como dizia Jesus, necessitamos edificar a nossa casa espiritual sôbre a rocha: «Todo aquêlê pois que escuta estas minhas palavras e as pratica assemelhá-lo-ei ao homem prudente que edificou a sua casa sôbre a rocha; e desceu a chuva, e correram rios e assopraram ventos e combateram aquela casa e não caiu porque estava edificada sôbre a rocha» (S. Mateus 7:24, 25).

Conhecer as palavras de Jesus, ter ideias exactas sôbre o valor do Evangelho em particular e das Sagradas Escrituras em geral, eis um processo, pelo menos, de trabalhar pela unidade cristã e de obter útil instrumento na destinação entre o êrro e a Verdade.

Dedicamos, pois, êste número ao valor das Escrituras e à necessidade da sua leitura. Propositadamente extraímos de obras valiosas de autores católicos as suas afirmações sôbre tão importante assunto.

A. Dias Gomes

**O cristianismo americano** Em 1942, o recenseamento nos Estados

Unidos da América do Norte accusava a existência de 67.327.719 cristãos, militantes nas diversas igrejas. Notara-se em 1942 um aumento de 2.826.125 cristãos militantes sôbre o ano de 1941. Os católicos-romanos, adultos e crianças, eram nêsse recenseamento 22.945.247 em 18.976 igrejas. Os baptistas do sul têm muito mais igrejas que crentes e os metodistas têm quási o dôbro. Os ortodoxos orientais, separados de Roma, são 1.158.635.

(Da Converted Catholic Magazin, Setembro de 1943)

**A leitura da Bíblia** Algumas citações sôbre a leitura da Bíblia, tiradas de luminares da igreja em diferentes épocas:

«Fixei-me no Egipto desde que ouvi o ensino de Panteno. Semelhante à abelha da Sicília, êle colhia no campo das Escrituras a flor da palavra dos profetas e dos apóstolos e derramava uma ciência pura na alma dos ouvintes.» (Stromates capítulo 1 § 2).

S. Clemente de Alexandria

«Oh homem, que dizes tu? Não te diz respeito investigar a Bíblia pelo facto de estares cercado de mil inquietações? Pelo contrário, tens mais necessidade dela que os ermitas. Êstes estão em paz como num porto, enquanto nós que estamos sendo, por assim dizer, balouçados no meio do mar, temos constantemente necessidade de ser fortificados pela Santa Escritura.

Vede os ferreiros, os ourives, os outros trabalhadores, com que cuidado procuram e tratam das suas ferramentas profissionais!... Façamos o mesmo. O que para êles é martelo, bigorna, fole, da mesma forma são para nós os escritos dos profetas e dos apóstolos. Da mesma forma como êsses operários podem refundir os vasos velhos que lhes entregam, assim nós podemos transformar as nossas almas com êsses instrumentos sagrados, endireitar o que está torto, renovar o que está velho. A ignorância das Escrituras engendra males inumeráveis: muitos êrros, uma grande corrupção de costumes e uma actividade sem frutos.» (Valloton pag. 760.)

S. Crisóstomo, o mais eloquente orador da antiga igreja.

## REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

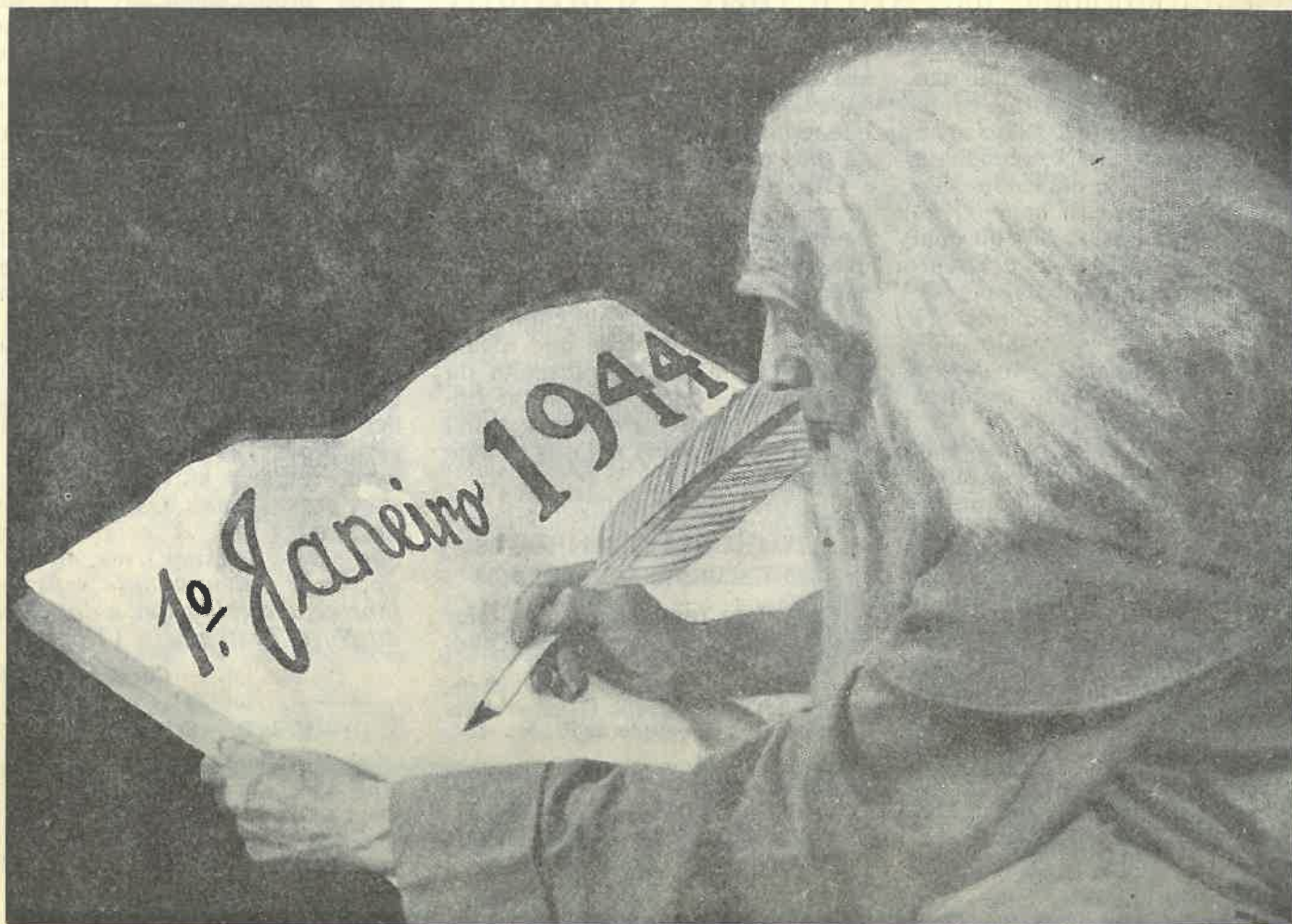
Director: A. Dias Gomes  
Redactor: Ernesto Ferreira  
Administrador: A. F. Reposo

### PUBLICAÇÃO BI-MENSAL

Redacção e Administração  
Rua Joaquim Bonifácio, 17  
Composta e impressa na  
Tip. GOMES & RODRIGUES  
32, Rua das Picôas, 34—Lisboa

Cont. e ilhas Colónias  
Número avulso... 2\$50 3\$00  
Assinatura anual 12\$50 15\$00

## UMA NOVA PÁGINA NO DIÁRIO DA VIDA



## O NOVO ANO

Esta página diz-nos individualmente :

«Podes ser, êste ano, o que desejaste ser, no ano passado, mas não pudeste. Acalenta de novo a esperança de fazer o que não fizeste de bem, no passado. Está diante de ti um sem número de realizações úteis, se tiveres paciência e boa vontade de procurar o caminho.

Represento para ti as amizades que não tiveste tempo de cultivar. Lembro-te os bons livros que planeaste ler mas ficaram de lado. Retoma as boas decisões que poderiam ter transformado as tuas derrotas em vitórias, no ano decorrido.

Não permitas que os êrros cometidos, até contra tua vontade, embarracem os passos dêste ano, a partir de hoje.

A Guerra continua. Existem muitos êrros acumulados na Terra. Há muito que as nobres almas estão em luta aberta. As muralhas da espiritualidade têm de ser defendidas com tôda a deligência. As almas nobres não podem permitir, sem luta pacífica, que a verdade, a liberdade do bem, os ditames da consciência honrada, a fraternidade humana, a justiça, a caridade, sejam banidas da Terra.»

Seja esta a nossa decisão em 1944.

# Que compreender por inspiração?

Pelo Dr. I.

antigo Professor de Teologia S

## I — Que devemos nós compreender por inspiração divina?

Inspiração divina é o poder misterioso dado pelo Espírito de Deus aos autores dos Escritos Sagrados, para fazê-los escrever, para guiá-los mesmo no emprêgo das palavras que usassem, e assim perservá-los de todo o êrro.

## II — Que sabemos nós do poder espiritual concedido aos homens de Deus enquanto estavam escrevendo os seus livros sagrados?

É-nos dito que êles foram *conduzidos* ou *movidos* « não pela vontade dos homens, mas pelo Espírito Santo; de modo que apresentaram as coisas de Deus, não em palavras que ensina a sabedoria dos homens, mas com aquelas que eram ensinadas pelo Espírito Santo » (1). « Deus — diz o apóstolo (2), — falou PELOS PROFETAS nos tempos antigos, e de muitas maneiras; » algumas vezes habilitando-os a compreender o que os fazia dizer; outras vezes não o fazendo; umas vezes por sonhos (3) e por visões que depois lhes fazia relatar; algumas vezes colocando as palavras no seu interior, as quais imediatamente lhes fazia publicar; outras vezes transmitindo-lhes palavras externamente, que lhes fazia repetir (4).

## III — Mas que se passava então nas suas mentes e no seu coração enquanto escreviam?

Isso não podemos dizê-lo. É um facto que, sujeito quasi sempre a grande variedades, não pode ser para nós objecto de investigação científica nem de fé.

(1) — 2 Ped. 1:21; 1 Cor. 2:13.

(2) — Heb. 1:1.

(3) — Num. 12:6; Job 33:15; Dan. 1:17; 2:6; Gen. 20:6; 31:10; I Reis 3:5; Mat. 1:20; 2:12-22; Act. 2:17.

(4) — Num. 23:16; 24:4; Job 7:14; Genesis 15:1; 20:3; Sal. 89:19; Mat. 17:9; Act. 2:17; 9:10-12; 10:3, 17, 19; 11:5; 12:9; 16:9, 10; II Cor. 12:1, 2.

## IV — Não têm, no entanto, os autores modernos que têm escrito sobre este assunto, distinguido frequentemente nas Escrituras três ou quatro graus de inspiração (*superintendência, elevação, direcção, sugestão*)?

Isto é apenas uma conjectura vã; e a suposição por vezes, está em contradição mesmo com a Palavra de Deus, que não conhece senão uma espécie de inspiração. Não há portanto aqui nada de real, mas apenas pura sugestão.

## V — Não vemos nós, contudo, que os homens de Deus estavam profundamente relacionados, e até mesmo muitas vezes profundamente affectados, com as coisas sagradas que ensinavam, com as coisas futuras que prediziam, com as coisas que relatavam?

Sem dúvida que isso era possível — admitamos mesmo, que na maior parte dos casos assim era — mas também pode ter sido que não fôsse; isso aconteceu em medidas diferentes, cuja gradação nos é desconhecida, e cujo conhecimento não nos é requerido.

## VI — Que devemos então pensar das definições da inspiração divina, nas quais a Escritura parece ser representada como a expressão completamente humana de uma revelação completamente divina; — que, por exemplo, devemos pensar, da definição de Baumgarten (1), que diz, que a inspiração não é senão um meio pelo qual a revelação, primeiro imediata, se torna mediata, e toma a forma de um livro (*medium quo revelatio imediata, mediata facta, inque libros relata est*)?

Estas definições não são exactas, e podem dar lugar a falsas noções de inspiração.

(1) — De Discrimine Revelat. et Inspirationis.

Digo que não são exactas, porque contradizem os factos. A revelação imediata não precede necessariamente a inspiração; e quando a precede, não é a sua medida. O vácuo profetizou (1); uma mãe, saindo da parede, escreveu as palavras de Deus (2); um jumento reprovou a loucura dum profeta (3). Balaão profetizou sem nenhum desejo de fazê-lo; e os crentes de Coríntio fizeram-no sem mesmo saberem o significado das palavras postas pelo Espírito Santo nos seus lábios (4).

Poderia ainda acrescentar, que estas definições produzem ou encobrem falsas noções de inspiração. De facto, elas pretendem ser nada mais do que a expressão natural duma revelação sobrenatural; e que os homens de Deus tinham meramente por si mesmos, e duma maneira humana, que pôr nos seus livros o que o Espírito Santo os faria ver duma maneira divina na sua compreensão. Mas a inspiração é mais do que isso. A Escritura não é o pensamento de Deus elaborado segundo a compreensão do homem, para ser promulgado em palavras do homem; é ao mesmo tempo o pensamento e a palavra de Deus.

## VII — Tendo o Espírito Santo em todas as épocas iluminado os eleitos de Deus, e tendo, mais do que isso, distribuído entre êles poderes miraculosos nos tempos antigos, em qual destas duas ordens de dons espirituais devemos nós colocar a inspiração?

Devemos colocá-la entre os

(1) — Gen. 3:14 e seg.; 4:6; Exo. 3:6 e seg.; 19:3 e seg.; Deut. 4:12; Matheus 3:17; 17:5.

(2) — II Ped. 2:16.

(3) — Dan. 5:5.

(4) — I Cor. 14.

# ção das Sagradas Escrituras?

ausen

ca e Oratória em Genebra

dons extraordinários e inteiramente miraculosos. O Espírito Santo, em todos os tempos, iluminou os eleitos pela sua poderosa virtude interior; testifica-lhes de Cristo (1); dá-lhes a unção do Santo; ensina-lhes tôdas as coisas, e convence-os de tôda a verdade (2). Mas, a par destas dádivas *ordinárias* de iluminação e fé, o mesmo Espírito concedeu dons *extraordinários* aos homens a quem foi ordenado promulgar e escrever os oráculos de Deus. A inspiração divina era um dêsse dons.

VIII — É a diferença, então, entre a iluminação e a inspiração uma diferença de género ou apenas de grau?

É uma diferença de género e não apenas de grau.

IX — Não obstante, não receberam os apóstolos, ao lado da inspiração, a iluminação do Espírito Santo, e no mais alto grau?

No mais alto grau, é o que ninguém pode afirmar; num grau extraordinário, é o que ninguém pode contradizer.

O apóstolo Paulo, por exemplo, não recebeu o evangelho de nenhum homem, mas por uma revelação de Jesus Cristo (3). Ele escreveu «TODAS AS SUAS EPÍSTOLAS», diz-nos S. Pedro (4), não só com as palavras que lhe foram ensinadas pelo Espírito Santo (5), como sucedera com as OUTRAS ESCRITURAS (do Velho Testamento), mas de acôrdo com a sabedoria que lhe tinha sido dada (1). Ele tinha

o conhecimento do mistério de Cristo (2). Jesus Cristo tinha prometido dar aos seus discípulos não só «uma bôca, mas sabedoria» para testificarem dêle (3). David, quando parecia falar de si próprio nos Salmos, SABIA que era do Messias que as suas palavras deviam ser compreendidas: «Sendo um profeta, e sabendo que do fruto dos seus lombos, segundo a carne, Deus levantaria o Cristo para o assentar sôbre o seu trono» (4).

X — Porque, então, não poderemos dizer que a inspiração divina é a iluminação na sua medida mais exaltada e abundante?

Devemos ter cautela em dizer tal; porque assim teremos apenas uma ideia estreita, contingente, confusa e constantemente flutuante da inspiração. De facto: —

1. Deus que, com freqüência, reúne êstes dois dons num homem, também muitas vezes achou preferível separá-los, de modo a poder dar-nos a compreensão que êles diferem essencialmente um do outro, e que, quando unidos, são independentes. Todo o cristão verdadeiro tem o Espírito Santo (5), mas nem todo o cristão é inspirado, e um tal que revela as palavras de Deus, não pode ter recebido uma dádiva vital em afeições ou iluminação.
2. Pode ser demonstrado por um grande número de exemplos, que um dêsse dons não era medida do outro; e que a inspiração divina dos profetas não tinha em conta o nível do seu conhecimento mais do que a da sua santidade.
3. Longe, certamente, de ser um dêsse dons a medida do outro, poderia alguém mesmo dizer que a inspiração

divina apareceu tanto mais notável, quanto a iluminação do escritor sagrado se distanciava da sua inspiração. Quando considereis os principais profetas, aquêles que mais iluminados foram pelo Espírito Santo, curvando-se sôbre as suas próprias páginas depois de as terem escrito, e tentando compreender o significado daquilo que o Espírito lhes fizera escrever, não poderá deixar de se tornar manifesto perante vós que a sua inspiração divina era independente da sua iluminação.

4. Supondo mesmo que a iluminação do profeta tivesse subido ao seu limite mais elevado, não alcançaria a altitude da ideia divina, e podia haver significado muito maior na palavra a êle dita, do que aquêle que o profeta podia conhecer. David, sem dúvida, ao compôr os seus Salmos, sabia (1) que êles se referiam àquêle que devia ser «nascido dos seus lombos, para se assentar no seu trono para sempre». A maior parte dos profetas, como Abraão seu pai, viram o dia de Cristo, e quando o viram regozijaram-se (2); êles procuraram o que o Espírito de Cristo, que estava nêles, queria significar quando testificava especialmente do Messias, e da glória que devia acompanhá-lo (3). No entanto, tendo chegado ao conhecimento de tudo isso, Nosso Senhor afirmou-nos que o cristão mais humilde, o menor (em conhecimento) no reino de Deus, sabe mais sôbre êsse assunto do que o maior dos profetas (4).
5. Êstes dons diferem um do outro no carácter essencial, que presentemente descreveremos.

(Continua na pág. 9)

(1) — João 15:26.  
(2) — I João 2:20-27; João 14:16-26; 7:38; 39.  
(3) — Gal. 1:12-16; I Cor. 15:3.  
(4) — II Ped. 3:15, 16.  
(5) — I Cor. 2:3.

(1) — II Ped. 3:15, 16.  
(2) — Efe. 3:3.  
(3) — Luc. 21:15.  
(4) — Act. 2:30.  
(5) — I João 2:20-27; Jer. 31:34; João 6:45.

(1) — Act. 2:30.  
(2) — João 8:56.  
(3) — I Ped. 1:11.  
(4) — Mat. 11:11. Michaelis Introd., tomo I, pág. 116-129, trad. francesa. (Êste autor pensa que nesta passagem o menor significa o menor profeta.)

VENERÁVEIS Irmãos, Saúde e Bênção Apostólica.

O Espírito Santo que, para iniciar o género humano nos mistérios da divindade, lhe deu os tesouros das Santas Escrituras, providencialmente suscitou no decurso dos séculos numerosos exegetas, tão notáveis por sua santidade como por sua ciência que, não contentes com não deixar infecundo este tesouro celeste (*Cocn. Trid.*, s. V, decr. *De reform.*, c. 1), por seus estudos e trabalhos, tornaram possível que os fieis saboreassem, com superabundância, a *consolação das Escrituras*. Segundo a opinião unânime, ocupa lugar preeminente neste número S. Jerónimo, em quem a Igreja Católica reconhece e venera o maior doutor que lhe foi dado pelo céu para a interpretação das Santas Escrituras. Devendo comemorar-se dentro de alguns dias o décimo quinto centenário da sua morte, não queremos, Veneráveis Irmãos, deixar de aproveitar tão favorável ensejo de vos falar na glória que adquiriu S. Jerónimo e nos serviços que prestou com o seu conhecimento das Santas Escrituras.

A consciência do vosso cargo apostólico e o desejo de desenvolver o estudo, nobre entre todos, da Escritura, incitam-nos, por um lado, a propor para imitação o belo modelo que é este grande génio, e por outro a confirmar com nossa autoridade apostólica e a adaptar melhor aos tempos que atravessa hoje a Igreja as tão preciosas directivas e prescrições dadas nesta matéria por nossos predecessores de feliz memória, Leão XIII e Pio X. Com efeito S. Jerónimo, «espírito plenamente impregnado do sentido católico e muito versado no conhecimento da lei santa» (*Sulp. Sev., Dial.* 1,7), «mestre dos católicos» (*Cass., De Inc.* 7,26), «modelo de virtude e luz do mundo inteiro» (*S. Prósper. Carmen de Ingratis*, V. 57) expôs maravilhosamente e defendeu com valentia a doutrina católica respeitante aos nossos Santos Livros; fornecendo-nos, neste campo, uma multidão de ensinamentos do mais alto valor, com os quais nos autorizamos para exortar todos os filhos da Igreja, e principalmente os clérigos, ao respeito e, ao mesmo tempo, à leitura piedosa e à meditação assídua das divinas Escrituras.

Percorram-se a este respeito os escritos do grande doutor: sem uma única página que o não testemunhe à evidência, êle afirmou, vigorosa e invariavelmente, com toda a Igreja Católica, que os Santos Li-

# SERÁ ACONSELHÁ

Encíclica «*Spiritus Para*

vos foram escritos sob a inspiração do Espírito Santo, que têm a Deus por autor e que é como tais que a Igreja os recebe (*Conc. Vat.* s. III, *Const.* «*De Fide cath.*» c. 2). Os livros da Santa Escritura, afirma êle, foram compostos sob a inspiração, ou a sugestão, ou a insinuação, ou mesmo o ditado do Espírito Santo; mais ainda, foi êsse mesmo Espírito Santo quem os redigiu e publicou. Mas Jerónimo não duvida, por outro lado, de que todos os autores dêsses livros tenham, cada um conforme o seu carácter e o seu génio, prestado o seu concurso à inspiração divina.

Assim, não afirma apenas sem reserva o elemento comum de todos os escritores sagrados — a saber, que a sua pena era guiada pelo Espírito de Deus, de sorte que Deus deve ser considerado como causa principal de cada um dos pensamentos e das expressões das Escrituras —; discerne ainda com cuidado o que é particular a cada um dêles. Sob múltiplos pontos de vista, ordenação das matérias, vocabulário, qualidades e forma do estilo, êle mostra que cada um aproveitou suas faculdades e forças pessoais; chega assim a fixar e pintar o carácter particular, as «notas», como se poderia dizer, e a fisionomia própria de cada um, sobretudo dos profetas e do apóstolo S. Paulo. Para melhor explicar esta colaboração de Deus e do homem na mesma obra, Jerónimo apresenta o exemplo do trabalhador que emprega na confecção de qualquer objecto um instrumento ou uma ferramenta; com efeito, tudo o que dizem os escritores sagrados «constitue as palavras de Deus, e não as suas próprias palavras, e, falando por sua bôca, o Senhor serviu-se dêles como de um instrumento. (*Tract. de Ps.* 88).

Se agora procurarmos saber como devemos entender esta influência de Deus sobre o escritor sagrado e sua acção como causa principal, veremos que o sentimento de S. Jerónimo está em perfeita harmonia com a doutrina comum da Igreja Católica em matéria de inspiração: Deus, afirma êle, por um dom de sua graça, ilumina o espírito do escritor quanto à verdade que êste deve transmitir aos homens «da

"Emitimos o voto de  
Igreja se deixem pe  
doçura das Santas  
Máximo de m



# VELLER A BÍBLIA?

clitus» de BENTO XV

«e todos os filhos da  
zar e fortificar pela  
etras», diz o Doutor  
ões de católicos.



parte de Deus»; move em seguida a sua vontade e determina-a a escrever; dá-lhe, enfim, assistência especial e continua até à confecção do livro. É principalmente sobre este concurso divino que nosso Santo funda a excelência e a dignidade insuperáveis das Escrituras, cuja ciência compara ao rico tesouro (In *Matth.* 13,44; *tract. de Ps.* 77) e a pérola preciosa do Evangelho (In *Matth.* 13,45 s), e das quais afirma que revelam as riquezas de Cristo (*Quaest. in Gen. Praef.*) e «a prata que orna a casa de Deus» (In *Agg.* 2,1 s.; Cf, in *Gal.* 2,10, etc.).

Ele proclamava eloqüentemente a autoridade soberana das Escrituras, tanto por palavras como por factos. Quando se levantava uma controvérsia, recorria à Bíblia como ao mais rico arsenal, e dela extraía testemunhos, argumentos sólidos e absolutamente irrefutáveis; foi assim que respondeu com uma límpida clareza a Helvídio, que negava a virgindade perpétua da mãe de Deus: «Como admitimos o que diz a Escritura, rejeitamos o que ela não diz. Se cremos que Deus nasceu duma virgem é porque o lemos na Escritura; e se negamos que Maria não tenha ficado virgem depois de dar à luz, é porque a Escritura o não diz». (*Adv. Helv.* 19).

E é com as mesmas armas que êle defende com o maior vigor contra Joviniano a doutrina católica sobre o estado de virgindade, a perseverança, a abstinência e o valor meritório das boas obras: «A cada uma de suas asserções, farei todos os meus esforços por opôr os textos da Escritura; evitarei assim que vá queixar-se a todos os ecos de que o venci mais por minha eloqüência do que pela força da verdade». (*Adv. Jovin.* I, 4). Na defesa que escreveu de suas obras contra o mesmo herege, acrescenta: «Pareceria que lhe pedi para me entregar as armas, quando o facto é que êle não se deixou vencer senão contra a vontade e debatendo-se nas rêdes da verdade». (*Ep.* 49, al. 48, 14, 1).

Sobre o conjunto da Escritura, lemos ainda no seu comentário a Jeremias, que a morte impediu de concluir: «Não é o erro dos pais e dos antepassados que temos de seguir, mas sim a autoridade das

Escrituras e a vontade do Senhor que é Deus». (In *Jer.* 9, 12 s.). E eis em que termos descreve, a Fabíola, o método e a arte de combater o inimigo: «Uma vez versada nas divinas Escrituras, armada de suas leis e testemunhos, que são os laços da verdade, marcharás contra os teus inimigos, enlacá-los-ás, e os trarás cativos; e dos adversários e prisioneiros de ontem farás livres filhos de Deus». (*Ep.* 78, 30, al. 28 *mansio*).

E em primeiro lugar recomenda instantemente a todos a leitura cotidiana da palavra divina: «Liberemos o nosso corpo do pecado, e nossa alma se abrirá à sabedoria; cultivemos nossa inteligência pela leitura dos livros Santos, e nossa alma encontrará aí o seu alimento de cada dia». (In *Tit.* 3, 9). No comentário à Epístola aos Efésios, escreve: «Devemos pois com todo o nosso ardor ler as Escrituras e meditar dia e noite a lei do Senhor; poderemos assim, como cambistas exercitados, distinguir as moedas boas das falsas». (In *Eph.*, 4, 31).

Não exclue, aliás, desta obrigação comum as matronas e as virgens. À matrona romana Leta êle dá, entre outros, êstes conselhos sobre a educação de sua filha: «Procurai que ela estude todos os dias alguma passagem das Escrituras... Que em vez das jóias e sêdas ela aprecie os Livros Divinos... Deverá em primeiro lugar aprender o Saltério, recrear-se com os seus cânticos, e haurir uma regra de vida nos provérbios de Salomão. O Eclesiastes lhe ensinará a pisar aos pés os bens do mundo; Job lhe fornecerá um modelo de força e de paciência. Passará em seguida aos Evangelhos, que deverá ter sempre entre mãos. Assimilará avidamente os Actos dos Apóstolos e as Epístolas. Depois de ter recolhido êstes tesouros no místico escrínio da sua alma, aprenderá os profetas, o Heptateuco, (1) os livros dos Reis (2) e dos Paralipómenos (3), para terminar sem perigo pelo Cântico dos Cânticos». (*Ep.*, 107, 9, 12). Êle dá as mesmas directivas à Virgem Eustóquio: «Sê assídua na leitura e estuda o mais possível. Que o sono te encontre de livro na mão, e que a página sagrada receba

(1) — Designação empregada por alguns autores para os primeiros sete livros da Bíblia: Génesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronomio, Josué e Juizes (*Nota do Tradutor*).

(2) — Na Vulgata, os Livros de Reis correspondem aos livros de Samuel e Reis na Bíblia Hebraica (*Nota do Tradutor*).

(3) — Os dois Livros de Paralipómenos são chamados de Crônicas na Bíblia hebraica (*Nota do Tradutor*).

a tua cabeça caída de fadiga» (*Ep.*, 22, 17; Cf. *Ibid.*, 29, 2).

Noutra circunstância, numa carta a Marcela, refere-se irônicamente à «virtude sem ciência» de certos clérigos: «Esta ignorância corresponde para eles a santidade, e declaram-se discípulos dos pescadores como se fizessem consistir a sua santidade em nada saber» (*Ep.*, 27, 1, 2).

Mas estes ignorantes não são os únicos, observa São Jerónimo, a cometer a falta de não conhecer as Escrituras; o mesmo sucede também com certos clérigos instruídos; e emprega os termos mais severos para recomendar aos sacerdotes o manuseamento assíduo dos Livros Santos.

Estes ensinamentos do santo exegeta, deveis procurar com todo o vosso zelo, Veneráveis Irmãos, gravá-lo mais profundamente no espírito dos vossos clérigos e dos vossos padres; um dos vossos primeiros deveres é chamar com cuidado a sua atenção para o que exige deles a missão divina que lhes foi confiada, se não quiserem mostrar-se indignos. «Porque os lábios do sacerdote guardarão a ciência, e da sua boca buscarão a lei, porque ele é o anjo do Senhor dos Exércitos» (*Mal.*, 2, 7). Saibam, pois, que não devem negligenciar o estudo das Escrituras nem entregar-se a ele com um espírito diferente daquele que Leão XIII expressamente impôs na Carta Encíclica *Providentissimus Deus*...

Resta-nos, Veneráveis Irmãos, relembrar os «doces frutos» que S. Jerónimo tirou «da amarga semente das Santas Letras», na esperança de que o seu exemplo inflamará os sacerdotes e fiéis confiados aos vossos cuidados no desejo de conhecerem e experimentarem a salutar virtude do texto sagrado.

A superabundância de inefáveis delícias espirituais que enchia a alma do piedoso anacoreta, preferimos que a aprendais, por assim dizer, mais da sua própria boca do que nós mesmos. Ouvi pois em que termos fala desta ciência sagrada a Paulino, seu «confrade, companheiro e amigo»: «Pregunte-te, irmão caríssimo, viver no meio destes mistérios, meditá-los, nada mais saber nem procurar, não te parece já o paraíso na terra!» (*Ep.*, 53, 10, 1). «Dize-me, pergunta ele a sua aluna Paula, que mais santo do que este mistério? Que mais cativante do que estes prazeres? Que alimento, que mel mais doce do que conhecer os desígnios de Deus, ser admitido no seu santuário, penetrar o pensamento do Criador e ensinar as palavras do teu Senhor, que os sábios deste mundo convertem em

# Da profecia em geral

(Final da página 3)

Deus assim como o milagre é a sua obra. A segunda, que ela deve captivar o nosso assentimento e que seria irracional e injusto não lhe dar crédito completo. Se, pela Sua presciência, Deus conhece todas as coisas às quais dará existência pela Sua veracidade, torna certas todas aquelas que se digne manifestar. Quando virmos, portanto, uma religião predita desta maneira, muito tempo antes do seu estabelecimento, somos obrigados a considerá-la como verdadeira e de nos submeter a ela. Foi desta forma que raciocinaram todos os antigos apologetas do cristianismo; eles opuseram constantemente aos israelitas e aos pagãos que os atacavam a autoridade suprema das profecias; fizeram valer esta prova vitoriosa os Justino, Teófilo, Atenágoras, Clemente de Alexandria, Orígenes, Lactâncio, Jerónimo, Agostinho, S. Ireneu declarou que as instruções dos profetas tornaram fácil a religião de Jesus Cristo (Contra os Heréticos, liv. IV). Orígenes declarou que Celso omitiu com premeditação a prova mais forte a respeito de Jesus, a prova das profecias, porque era impossível respon-

der-lhe. S. Cerílio de Jerusalém, dizia: «Não acrediteis somente nos meus raciocínios porque podeis pensar que vos iludem com sofismas; acreditai só nas coisas que foram preditas pelos profetas. Podeis suspeitar de quem esteja presente; mas que suspeita podereis conceber daquele que profetizou há mais de mil anos antes do respectivo acontecimento?»

Antes desses grandes doutores, o Apóstolo Pedro, depois de ter lembrado que estivera sobre a montanha santa onde ouvira a voz celeste a proclamar Jesus Cristo, como Filho de Deus, acrescentava: «E temos a muito firme palavra profética — et habemus firmiorem propheticum sermonem» (2 Pedro 1: 18, 19).

S. Agostinho comentando este texto afirmava que, com efeito, a voz profética tem, para convencer os incrédulos, alguma coisa de mais forte do que a própria voz que desça dos céus. Atribuía-se à magia os milagres operados por Jesus Cristo; poder-se-ia atribuir a mesma causa à voz celeste; mas poder-se-ia dizer que um indivíduo era mágico antes de nascer?

(Continua no próximo número)

derisão e que todavia transbordam de sabedoria espiritual? Deixemos os outros gozar suas riquezas, beber em taças ornadas de pedrarias, vestir-se de sedas e brilhantes, obter aplausos da multidão sem que a variedade dos prazeres consiga esgotar os seus tesouros: nossas delícias, porém, consistirão em meditar dia e noite a lei do Senhor, em bater à porta esperando que se abra, em receber da Trindade a esmola mística dos pães, e em marchar guiados pelo Senhor, sobre as ondas do século» (*Ep.*, 30, 13).

A Paula ainda e à sua filha, Eustóquio escreve no Comentário à Epístola aos Efésios: «Se há alguma coisa, ó Paula e Eustóquio, que retenha na terra a sabedoria e que, no meio das tribulações e turbilhões do mundo, mantenha o equilíbrio da alma, creio que é aci-

ma de tudo a meditação e a ciência das Escrituras» (*In Eph.*, Prol.).

Levai sem tardança, Veneráveis Irmãos, ao conhecimento do vosso clero e dos vossos fiéis, as instruções que acabamos de vos dar por ocasião do décimo quinto centenário da morte do grande Doutor.

Entretanto, emitimos o voto de que todos os filhos da Igreja se deixem penetrar e fortificar pela doçura das Santas Letras, a-fim-de chegar a um conhecimento perfeito de Jesus Cristo. Como penhor deste desejo e em testemunho de nossa paternal benevolência, concedemo-vos muito afectuosamente no Senhor, a vós, Veneráveis Irmãos, assim como a todo o clero e a todos os fiéis que vos estão confiados, a bênção apostólica.

Dada em Roma, em São Pedro, a 15 de Setembro de 1920, no sétimo ano do nosso pontificado.



# A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

É conhecido o lugar preponderante que ocupa na economia da revelação cristã a perspectiva da segunda vinda do Senhor, tantas vezes e tão solenemente anunciada por Ele, como devendo trazer, com o fim e a palingênese do mundo, com a transformação dos céus e da terra, com a ressurreição dos mortos e o juízo geral, o estabelecimento definitivo do reino de Deus na sua consumação final e na sua última perfeição. Basta, com efeito, abrir, por pouco que seja, o Evangelho, para logo se reconhecer que a parusia (a segunda vinda de Cristo), é verdadeiramente o alfa e o ômega, o princípio e o fim, a primeira e a última palavra da pregação de Jesus; que é a sua chave, desfêcho, razão de ser, explicação e sanção; que é enfim o acontecimento supremo com o qual tudo o mais se prende e sem o qual tudo o mais se desmorona e desaparece.

Sob o ponto de vista da confirmação da fé (é notável), a contribuição que nos vem da marcha dos acontecimentos contemporâneos, posta em relação com o que Jesus e Seus Apóstolos nos disseram acerca do estado do mundo antes da parusia, assim como dos acontecimentos que serão os seus percursores. Com efeito, se soubermos ler no presente, e interpretar o que se passa aos nossos olhos, o que se vai estendendo, propagando e acentuando cada dia mais, o que evolue com uma implacável e desesperadora regularidade desde essa grande curva da história que foi a Revolução Francesa, temos de ver em tudo isso uma preparação mais ou menos próxima, e como que uma marcha gradual para o cumprimento do que nos foi indicado para o fim dos séculos; indicado, digo, em predições precisas, formais, autênticas, e já dezanove vezes seculares. E sendo assim, aquilo de que os adversários triunfam como sinais inequívocos da inevitável e iminente ruína da fé cristã, converte-se para nós em preciosos argumentos de credibilidade.

Logo de chofre, duas coisas caracterizam a época em que vivemos: por um lado, o acabamento da pregação do Evangelho até nas partes mais recônditas do globo, pois não há hoje ilha tão afastada, rincão da terra tão inacessível que não tenha seus missionários e seus apóstolos; por outro lado, a deminuição considerável da fé nas velhas civilizações cristãs, a defecção das massas

*“Creio que Jesus há-de vir, no fim do mundo, julgar os vivos e os mortos”*

**Crede Apostólico**

que se tornam cada vez mais hostis ou indiferentes, e enfim a apostasia, apostasia declarada e oficial de todas as potências, tanto grandes

## Que compreender por inspiração . . .

*(Conclusão da pág. 5)*

6. Finalmente, é sempre a inspiração do livro que nos é apresentada como objecto de fé, nunca o estado interior daquêle que o escreveu. O seu conhecimento ou ignorância de nenhuma maneira afecta a confiança que devemos às suas palavras; e a minha alma deve olhar não tanto para a luz do seu conhecimento, como para o Deus de toda a santidade, que me fala pela sua bôca. O Salvador desejou, é verdade, que a maior parte dos que relataram a Sua história, fôsem testemunhas daquilo que relatavam. Isto foi, sem dúvida, para que o mundo pudesse ouvi-los com maior confiança e, para que não pudessem surgir dúvidas razoáveis quanto à veracidade das suas narrativas. Mas a Igreja, na sua fé, olha mais alto do que isso: para ela a inteligência dos escritores é imperfeitamente conhecida, e é um assunto de relativa indiferença — o que ela conhece é a sua inspiração. Não é a consciência do profeta que ela vai procurar a fonte de inspiração; ela está na consciência do seu Deus. «Cristo falou-me» diz S. Paulo, e outra vez, «Deus falou antigamente aos pais pelos profetas» (1). «Porque olhai tão ardentemente para nós», dizem-lhe todos os escritores sagrados, «como se pelo nosso próprio poder ou santidade tivéssemos feito esta obra?» (2) Olhai para cima.

*(Continuará no próximo número)*

(1)—II Cor. 13:3; Heb. 1:1. (2)—Act. 3:12.

como pequenas, que fazem profissão aberta de não conhecer Jesus Cristo, nem a Sua religião, nem a Sua lei. E Jesus dissera; «Este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim» (Mat. XXIV, 14). Dissera ainda: «Quando o Filho do homem vier, porventura achará fé na terra?» (Luc. XVIII, 8). E S. Paulo, por sua vez: «Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição» (II Tess. 2, 3).

Outra característica distingue os tempos actuais de todos os precedentes. É o ateísmo que se apresenta enfim abertamente, e que se afirma com o mais completo impudor sobre a face do mundo; é a negação retumbante dos princípios mais fundamentais de toda a religião e de toda a moral, mesmo puramente natural; é a audaciosa proclamação de que a civilização moderna não pode reconhecer outro Deus além do deus imanente ao universo, o deus oposto ao Deus pessoal e transcendente da revelação cristã, nem outra moralidade além da que tem a sua origem na vontade do homem determinando-se por si mesma, e tornando-se a sua única e exclusiva lei. Até ao presente jamais se presenciara isto, pelo menos com esta crueza. Acrescentando agora os terríveis progressos do espiritismo, da teosofia, do ocultismo sob todas as suas formas; a corrupção da educação e da instrução públicas; a massa enorme de livros ímpios, irreligiosos, blasfemos, obscenos, que sob a capa das liberdades modernas (liberdade de consciência, liberdade de imprensa), penetra impunemente em todas as classes, sem distinção de idade, nem de condição, nem de sexo; o feminismo de invenção recente; feito para abater os últimos baluartes da família, da religião e da sociedade: tudo isto não fará pensar na aproximação desses dias anunciados?...

Daqui podemos concluir que, se o mundo marcha, e marcha com uma velocidade cada vez mais acelerada, marcha justamente no sentido que as mais autênticas profecias do Antigo e do Novo Testamento nos haviam, desde há tantos séculos, marcado, precisado e anunciado.

**Cardeal Luís Billot, S. J.**  
*(Ext. da sua «Parusia»)*

# A BÍBLIA COMO LIVRO

(Continuação da página 2)

bate da vida, pelo qual nos deixamos guiar, cujas transgressões sentimos vivamente. Que temendas dificuldades para escrever um tal Livro, se é que pode haver capacidade humana suficiente.

É tão difícil escrever um livro religioso que tem havido muitas centenas de religiões entre os homens e somente foram escritos seis Livros Sagrados!

## 3 — Origem dos Livros Sagrados

Mas, poucos que sejam, há Livros Sagrados no mundo. Como apareceram eles?

Não esqueçamos que nenhuma força química pode tirar dos corpos o que eles não contêm. A química da persuasão não pode reavivar na alma os sentimentos latentes que ela não encerra. Por isso, os Livros Santos que tomaram posse da alma humana ou de grandes porções da Humanidade contêm nêles as aspirações e as tradições, mais ou menos puras, da nossa alma. Já existiam antes de serem escritos.

Os Livros Sagrados têm outra qualidade interessante: a força maravilhosa de conservação para os indivíduos ou povos que os lêem. Coisa que nunca puderam fazer os livros dos maiores sábios do mundo. Pouco a pouco tôdas as sociedades que não estejam alicerçadas sobre um Livro Sagrado desagregam-se e morrem. É característica do Livro Sacro. Nenhum sábio ou filósofo pode organizar com as suas ideias uma nacionalidade, nem sequer uma escola perdurável!

Donde provém pois a força do Corão, dos Vedas, etc.? Nem tudo quanto eles dizem é verdade. Encerram porém muita soma de verdades. Ensinam ao homem a sua total dependência de Deus; incutem-lhe na alma os preceitos da dignidade e da honradez; tiram-lhes os olhos das cenas passageiras da vida para os lançar na Eternidade da justiça e da harmonia. Não há

nenhum Livro Sagrado que não encerre a verdade fundamental de Deus, da Sua Lei e do Seu culto. Erram êsses livros nas particularidades mas não erram nos fundamentos principais. Há menos diferenças de ideias entre um Cristão e um Budista do que entre um crente em Deus e um ateu.

## 4 — A superioridade da Bíblia como Livro Sagrado

Em face de todos os Livros Sagrados do mundo, destaca-se sem discussão a beleza, a grandeza, a sublimidade da Bíblia Sagrada, com o seu Velho e Novo Testamentos. Alguém disse e muito bem: «Desde o Génesis ao Apocalipse, a Bíblia é um encadeamento magnífico, um progresso lento e contínuo em que cada onda empurra a que a precede e transporta a que segue. Os séculos, os acontecimentos, as doutrinas, ali se enterlaçam do centro para a periferia e na sua rede, sem costuras, não há vácuo nem confusão. A antiguidade e a realidade espalham ali um perfume igual. É um livro que se faz cada dia, que cresce naturalmente como o cedro, que foi testemunha de tudo quanto diz e que nada diz sem ter à vista tudo e a língua da eternidade. É impossível, mesmo a uma criança, confundir a Bíblia com outro livro reputado sacro e a distância que os separa é tão sensível que quasi seria blasfêmia pronunciar o seu nome ao lado dos nomes que queiram imitar o seu».

O poder da Bíblia é infinitamente superior ao dos outros livros sacros. A China, onde se fizeram sentir durante séculos as acções de uma religião e de um livro sacro, no complexo da sua vida nacional ou social é um testemunho vivo do valor da Bíblia nas nações constituídas à sua sombra, sem mesmo esquecer a nação esraelita. A Europa Cristã, uma pequena porção de território mundial, tem visto os

seus pavilhões a sulcar todos os oceanos e a dominar o mundo! A civilização construtiva saiu dos laboratórios europeus ou americanos descendentes de europeus; noutras palavras, dos povos educados nas doutrinas da Bíblia.

Saindo destes caracteres humanos, a Bíblia é o único Livro Sagrado que apresenta a Inteligência Divina através das Profecias de clara interpretação. A Bíblia é a profecia a desenrolar-se aos nossos olhos.

## 5 — A superioridade da Bíblia pelas perseguições

Existem os Zends, os Vedas, o Corão? Não admira pois não consta que tivessem sofrido temíveis e constantes perseguições.

Existe a Bíblia? Eis um fenómeno! Como pôde ela resistir a tantas perseguições desde os tempos em que Israel sofria a invasão dos Babilónicos, dos Egípcios, dos Medos, dos Assírios, e dos Sírios? Como pôde a Bíblia chegar até nós através das temíveis perseguições contra Ela lançadas pelos imperadores romanos, pelo paganismo e até, em determinadas épocas, pelos próprios cristãos? Houve tempo e países em que a posse e a leitura das Sagradas Escrituras eram um crime punido com severas sanções!

## 6 — A superioridade da Bíblia na sua difusão actual

Mas venceu e sobreviveu. Em 1934 uma sociedade cristã dizia ter colocado, nêsse ano, no mundo, os seguintes exemplares das Sagradas Escrituras:

Número de línguas em que publicára a Bíblia . . . . .	692
Número de Escrituras colocadas . . . . .	10.970.609
Na China colocára . . . . .	4.205.000
Na Europa colocára . . . . .	1.694.000

Quando qualquer livreiro quere demonstrar o successo do seu livro compara logo as vendas aos números da Bíblia. Ela continua a ser o Livro da Humanidade.

A. Dias Gomes

Revista Adventista

**R**ESPONSÁVEL não é a ciência pelo facto de muitos sábios negarem os ensinamentos da revelação; o dogma cristão da criação nada tem a temer das investigações científicas. Ver-se-á ainda, no decurso destes estudos, que podemos aceitar com fé todo o ensino da Bíblia acerca da criação e da história primitiva do mundo, sem que por isso a ciência da natureza venha a perder alguns dos seus direitos, porque a experiência demonstra que pode haver, numa mesma pessoa, ciência profunda, grande zelo pelas investigações científicas e uma fé viva nas doutrinas bíblicas. Os tempos modernos bem como os tempos antigos oferecem-nos ilustres exemplos; tanto entre os protestantes como entre os católicos.

No século XIII, o franciscano Roger Bacon, por certo o mais ilustre representante das ciências naturais na Idade Média, era incontestavelmente um cristão sincero e crente, qualquer que seja o juízo crítico acerca do seu sistema filosófico e teológico. O seu homónimo no século XVI, Francisco Bacon de Vérulam, não tem, é verdade, um nome tão imaculado, mas o estudo da natureza não o tornou incrédulo, como reconheceréis pela sua máxima mais conhecida — que um estudo geralmente superficial das ciências naturais, ou da filosofia, pode talvez levar ao ateísmo, mas que um estudo mais aprofundado faz voltar à religião — *leves gustus in philosophia movere foatasse ad atheismum, sed pleniores haustus ad religionem reducere* — ou, como êle se exprime noutra parte: *Verum estis, parum philosophiae naturalis homines inclinare in atheismum, at altiorem scientiam eos ad religionem circumagere*. (1) Quando o espírito humano considera separadamente as causas segundas, pode às vezes deter-se nelas e assim submergir-se no ateísmo; mas se continua o seu estudo, procurando o encadeamento e conexão das mesmas causas, vê-se ime-

diatamente forçado a recorrer à divindade e a uma providência superior. Em geral — permiti-me que avance ainda esta proposição, posto que ela não pertença estritamente ao assunto que nos ocupa — o ateísmo está antes nos lábios do que nos corações dos homens. O que o prova é o empenho dos ateus em propagar e defender a sua opinião e em recrutar sectários. Isto tem a sua explicação em que êles desconfiam de si mesmos, e querem pela adesão dos outros sustentar a sua própria convicção vacilante. Bacon termina as suas excelentes reflexões, dizendo: só nega a existência dum Deus, aquêle a quem convém que êle não exista — *Deum non esse non credit nisi cui Deum non esse expedit*. (1) Na introdução ao seu *Novum Organon*, Bacon dirige a Deus esta oração: «Nós vos suplicamos que não permitais que os novos conhecimentos humanos, que adquirimos, prejudiquem os conhecimentos divinos, e que aplanando o caminho dos sentidos,

sábios e dos teólogos duma época anterior à nossa. Merecem desculpa até um certo ponto, porque, como já fiz observar, não se conheciam ainda bem os limites que separam a ciência da Revelação. Mas o que não se pode explicar, é a razão por que, ainda em nossos dias, certos teólogos tratam a ciência natural como inimiga da Revelação. Felizmente, isto raras vezes acontece entre os teólogos católicos, principalmente na Alemanha; e os escritores ingleses que procuram encontrar o acôrdo dos dados da ciência com a Bíblia, aproveitam-se muitas vezes da ocasião de combater não só os naturalistas que atacam a Bíblia, mas também os teólogos anti-geólogos, fazendo notar que tôdas as interpretações da Bíblia feitas por teólogos não são verdadeiras irrefragáveis, bem como as teorias que julgam encontrar nos textos bíblicos. Hugh Miller e John Pye Smith, em particular, dois dos defensores mais ardentes da harmonia entre a Bíblia e a natureza,

o primeiro naturalista e o segundo teólogo, falam em desabôno de muitos autores de escritos teológicos, que consideram a Bíblia, segundo a sua interpretação, como a última palavra até nas questões puramente científicas, e têm como

irreligiosos todos os dados geológicos que estão em contradição com as suas opiniões exegéticas; de maneira que para êles a geologia é uma invenção inimiga de Deus e dos homens. (1)

Basta a exposição destas singularidades. Eis aqui uma observação de Whewell, que os teólogos sensatos não contestarão: (2) «O sentido que, em diversas épocas, se tem dado às expressões da Escritura Sagrada depende, mais do que à primeira vista parece, do estado em que então se encontravam as ciências naturais. Acontece, pois, que certas pessoas imaginam defender a Revelação, quando, em verdade, não defendem mais do que a sua própria interpretação, a qual tem a sua origem, sem êles talvez o

## Entre a ciência natural e a fé não há oposição

Por **H. Reusch**, doutor em Teologia e professor na Universidade de Bonh

dando mais amplitude e brilho ao facho da luz natural, vamos lançar incertezas e obscuridades nos mistérios divinos: permiti antes que o nosso espírito, deixando de ser vítima da ilusão e da vaidade e continuando a ser perfeitamente submisso aos oráculos celestes, preste plenamente à fé a obediência e homenagens devidas». Quanto aos três principais astrónomos modernos, Copérnico, Newton e Kepler, todos sabem que êles eram sábios piedosos e crentes.

Se alguns sábios se enganaram, apoiando-se na ciência para combater a Revelação, a equidade força-nos também a reconhecer que um certo número de teólogos se enganaram igualmente, quando, apoiando-se exclusivamente na Revelação, lançaram injustas suspeitas sobre os dados da ciência. Não falaremos dos equívocos, que se encontram às vezes nas obras dos

(1) — *Dictionnaire des sciences théologiques*, art. Vérulam. Trad. de Göschler, Gaume, Paris.

(1) — Hettinger, *Apologie*, I, 1, p. 117.

(1) — Hugh Miller, *Testimony of the rocks*, pág. 342. J. P. Smith, *The relation, etc.*, p. 8, 26, 155. *Brownson's Quarterly Review*, 1863, p. 23.

(2) — *History of the inductive sciences*, I, 403.

saberem, em sua opinião que julgam cientificamente provada. O progresso da ciência pode fazer interpretar certas passagens da Escritura dum modo diferente do que até então se têm interpretado sem atentar de modo algum contra a autoridade da Sagrada Escritura. (1)

Termino estas explicações, referindo um caso, que fez algum eco, e que, por ter sido muitas vezes publicado, nem sempre o foi com a exactidão, que era para desejar. Pelo fim de 1864, enviaram a muitos sábios ingleses, pedindo-lhes que a assinassem, uma declaração em que se formulava a convicção de que não pode haver contradições entre a Revelação divina, impressa no livro da natureza, e a contida na Sagrada Escritura, e em que se lamentava, por isso mesmo, que certos sábios abusassem da ciência, servindo-se dela para combater a veracidade da Escritura Sagrada, etc. Coisa admirável: mais de duzentos sábios, entre os quais se encontram alguns célebres, assinaram a declaração.

Eis as duas fórmulas:

a) Nós os **Naturalistas** abaixo assinados, exprimimos por este acto o nosso sincero pesar pelo facto de que a ciência natural é empregada nos nossos dias, por alguns, para contestar a verdade e autenticidade da Sagrada Escritura.

Julgamos impossível tóda a contradição entre a palavra de Deus impressa no livro da natureza, e a que se contém na Sagrada Escritura, qualquer que seja a diferença, que pareça existir entre elas.

Não esquecemos que a ciência natural ainda não tirou as suas últimas conclusões, que está ainda em via de progresso, e que, presentemente, o nosso espírito limitado não pode ver senão em

enigma, como através dum espelho. (I Cor. XIII, 12).

Cremos firmemente que virá tempo, em que se reconhecerá que a ciência natural e a Bíblia se harmonizem nos mínimos pontos.

Não podemos deixar de lamentar que muitas pessoas olhem com desconfiança para a ciência natural, sem a terem estudado, unicamente porque alguns homens imprudentes a põem em contradição com a Sagrada Escritura.

Cremos que todo o naturalista é obrigado a estudar a natureza só com o intuito de fazer brilhar a verdade em todo o seu esplendor, e, vendo que alguns dos seus resultados parecem contradizer a Bíblia, ou o sentido que elle dá à Bíblia, sentido que pode ser erróneo, não deve afirmar com certeza que a sua conclusão é justa, e o ensino da Bíblia falso; deve, pelo contrário, collocá-las, uma ao lado da outra, até que Deus queira fazer-nos conhecer o modo de se poderem conciliar.

Suspendendo o nosso juízo, em vez de proclamar bem alto as contradições que parecem existir entre a ciência e a Bíblia, pensamos que será melhor apoiar a nossa fé nos pontos em que ambas se conciliam.

b) Nós, **Teólogos e Naturalistas** abaixo assinados, exprimimos por este acto a nossa sincera dor, pelo facto de que as opiniões religiosas, próprias de alguns homens, são empregadas em nossos dias para atacar os defensores de teorias científicas demonstradas ou, pelo menos, muito prováveis.

Julgamos impossível tóda a contradição entre a palavra de Deus impressa no livro da natureza, se fôr bem lida, e a palavra de Deus contida na Sagrada Escritura, se fôr bem interpretada, qualquer que seja a diferença que pareça existir entre ambas.

Não esquecemos que a interpretação teológica e a ciência natural ainda não tiraram as suas últimas conclusões, que estão ainda em via de progresso, e que, presentemente, o nosso espírito limitado não pode ver senão em enigma, como através dum espelho. (I Cor., XIII, 12).

Cremos firmemente que virá tempo, em que se reconhecerá que a ciência natural e a Bíblia se harmonizam nos mínimos pontos.

Não podemos deixar de lamentar que alguns naturalistas, que não estudaram a teologia, e que alguns teólogos, que ignoram a

ciência natural, olhem com desconfiança para a ciência, unicamente porque alguns homens imprudentes põem em contradição, uns a religião com a ciência, outros a ciência com a religião.

Cremos que todo o teólogo e todo o naturalista é obrigado a estudar, um a Bíblia, e o outro a natureza, só com o intuito de fazer brilhar a verdade em todo o seu esplendor; e se um e outro virem que alguns dos seus resultados parecem contradizer a Bíblia ou a natureza, ou antes o sentido que elles dão a esta ou àquela, sentido que pode ser erróneo, não devem afirmar com certeza que a sua conclusão é justa, e a outra interpretação falsa; devem pelo contrário collocá-las uma ao lado da outra, para que se façam novas investigações, até que Deus nos queira fazer conhecer o modo de se poderem conciliar.

Suspendendo o nosso juízo, em vez de proclamar bem alto as contradições que parecem existir entre a ciência e a Bíblia, e de tomar daí ocasião para dirigirmos uns contra os outros palavras ofensivas, pensamos que será mil vezes melhor firmar a nossa fé na vida futura, aguardando maior lucidez de conhecimentos, e termos caridade, apesar das diferenças que actualmente nos dividem.

(«La Bible et La Nature», Vol. I)

## Q que elles dizem...

Henri Heine, divagando a propósito das Sagradas Escrituras, dizia o seguinte:

«É à Bíblia que eu devo o regresso ao sentimento religioso. Tornou-se desde então para mim tanto a fonte da salvação como a obra prima digna da minha mais alta admiração. Que humilhação! Com todo o meu saber, não cheguei a uma melhor conclusão que a do meu tio Tom, que aprendera a balbuciar as palavras das Santas Escrituras. Parece-me que elle até comprehende a Bíblia melhor do que eu. Há bem pouco tempo quando estudava a filosofia, não sabia apreciar o protestantismo senão pelo mérito de ter conquistado a liberdade do pensamento. Agora, na minha idade avançada, quando o metafísico naufragado se agarra à Bíblia, aprecio o protestantismo muito especialmente pelo mérito de ter descoberto e espalhado a Bíblia.»

(1) — Cf. Pianciani, *In historiam creationis mosaicam commentarium*, p. 8. Eis como elle se exprime acerca da interpretação dos seis dias. *Gen. I.* «Nas matérias que fazem o objecto do nosso estudo não podemos rejeitar uma interpretação inteiramente nova das algumas passagens ou palavras de Moisés, porque não se trata aqui nem de dogma nem de moral mas de cronologia. Pode ser que com o progresso das ciências naturais compreendamos melhor o sentido de algumas passagens dos autores profanos; com maior razão talvez este progresso venha a projectar luz sobre a palavra de Deus quando esta trata das coisas criadas».



# grandes notícias em poucas palavras

**O vasto universo** Numa dissertação rádio-fundida sobre «O Lugar do Homem na Natureza», Jaime Jeans explicou as razões que o levavam a dizer que a Via Láctea é apenas uma entre os 100.000.000.000 de outras nebulosas idênticas e resolúveis. Eis uma das afirmações do aludido conferencista: «Devem existir mais estrelas no céu do que talos de erva sobre toda a superfície da terra».

Desde os dias de Abraão que, segundo narra o Génesis, as estrelas eram assemelhadas, em número, às areias do mar.

**A fragilidade da nossa vida** Os jornais ingleses e americanos dizem que o número de mortes em Inglaterra, por acção dos bombardeamentos aéreos, desde 1 de Janeiro de 1940 a 30 de Junho de 1941, sobe a 41.900; o número de feridos hospitalizados é de 52.678.

Em igual período de tempo, nos Estados Unidos, morreram de acidente vulgar 51.760 pessoas e ficaram feridas mais de 1.500.000!

Por aqui podemos fazer uma ideia dos elevados números que obteríamos se adicionássemos todos quantos morreram em igual período em todos os países e, em especial, nos flagelados pela guerra!

«Toda a carne é como a erva e toda a glória do homem como a flor da erva.»

**A mais antiga nação cristã** Há bastantes pessoas que pensam serem negros (os etíopes ou abissínios). De facto há muitos pretos na Etiópia, trazidos das regiões africanas limítrofes. Mas a verdade é que o verdadeiro etíope é membro da raça branca. O imperador

Hailé Selassié, ultimamente restaurado no trono, considera-se descendente directo do rei Salomão e da rainha Sheba e parece que esta descendência tem certa base. A Etiópia é a nação cristã mais antiga do mundo porque adoptou o cristianismo e a êle se manteve fiel praticamente desde os dias do evangelista Filipe.

**H. Fords prediz uma federação mundial** Numa entrevista em Detroit, Henry Ford, o velho industrial, de setenta e oito anos de idade, disse que, desta guerra sairá uma federação mundial de nações de tal forma que todas as barreiras nacionais serão levantadas e todos os povos do mundo viverão em paz e prosperidade.

As ilusões que vão por esse mundo fora!

**Forma demasiado utilitária de fazer unidade** Certo arcebispo de nome Williams, inglês ou americano, dizia, num dos seus sermões: «As outras denominações religiosas estão prontas a cooperar connosco na tentativa de restaurar os caminhos Cristãos da vida e do pensamento. É nosso dever, como católicos, de tomarmos a parte que pudermos em tal movimento. Mas sejamos claros quanto ao esquema desta colaboração. Não queremos unidade em cultos religiosos nem em actos de adoração. Isso seria para os católicos uma desonestidade... A cooperação que desejamos é a da ordem civil e da ordem social.»

E de facto: ordem em tudo é do que mais necessita o mundo. Agora unidade duradoira só a que fôr alicerçada na Verdade.

**A guerra e as igrejas** Todas as igrejas cristãs, católicas, grego-ortodoxas e evangélicas, têm a deplorar a ruína dos seus templos, igrejas e capelas, com o mobiliário e recheio artístico, no valor de muitos milhões de escudos.

Ultimamente foi a vez de Roma, com o aniquilamento da igreja de S. Lourenço.

As cidades alemãs bombardeadas têm templos luteranos de grande valor e que sofreram danos irreparáveis.

O Departamento de Guerra Aliado diz que na Grã-Bretanha 13.800 igrejas e mosteiros de todas as confissões foram danificadas ou destruídas.

Na Holanda cinco grandes igrejas em Rotterdam foram aniquiladas, quem sabe se até por bombas dos amigos.

Na Polónia mais de 1.000 igrejas foram destruídas; só em Varsóvia quase todas as igrejas foram danificadas.

Mas a ruína dos templos não impedirá muito ressurgimento da sempre viva Fé Cristã.

**A guerra e o cristianismo** O Instituto Gallup, na Inglaterra, apresentou um questionário ao público inglês sobre a situação religiosa do mesmo em face da guerra; 16% dos interrogados responderam que a sua fé cristã aumentara devido à guerra; 9% enfraqueceram na sua fé; 3% das igrejas indicaram aumento na frequência aos cultos; 24% relataram diminuição. Em resumo: «a igreja diminuirá e até chegará a matar a pouca fé mal alicerçada da maioria dos que se dizem cristãos». Está pôsto o machado à raiz da árvore...

**Cuidado com os manuscritos e documentos da Bíblia** Calculam os jornalistas ingleses que mais de vinte milhões de livros foram destruídos em Inglaterra somente com resultados vários da guerra.

O «Codex Sinaiticus», um dos mais velhos manuscritos da Bíblia foi evacuado do Museu Britânico, que já sofreu dano com os bombardeamentos, a um lugar seguro «para sua conservação».



## Do que Portugal carece no domínio religioso

«Para o povo ser livre é necessário que seja religioso e honesto; não que seja crédulo.

Para que êle seja religioso e honesto é necessário que conheça as doutrinas do Evangelho que não são mais do que a confirmação divina da moral universal. Em vez de inculcar crençices ao povo cumpre inculcar-lhes os princípios do Cristianismo e as consequências daqueles princípios: cumpre ilustrá-lo em vez de o conservar na ignorância, fazer-lhe sentir que a fôrça de praticar grandes e nobres sacrifícios, tão recomendados por Jesus, é o carácter que distingue o espírito imortal do homem do instinto que anima as alimárias...

E estas verdades eternas que, gravadas nos corações dos povos, tantas vezes têm salvado as pequenas nações dos intentos ambiciosos das grandes, donde se deduzem? É das invenções dos milagreiros e falsários ou das divinas páginas da Bíblia?

(Ext. da «SOLEMNIA VERBA»  
de ALEXANDRE HERCULANO